

A Estação: considerações sobre a moda e seu léxico no século XIX no Brasil

A Estação: considerations about fashion and its lexicon in the 19th century in Brazil

Vivian Orsi  

vivian.orsi@unesp.br

Universidade Estadual Paulista - Unesp

Resumo

A moda, com sua própria linguagem, transmite a identidade de um indivíduo e/ou grupo em determinada sociedade e época, portanto, pode ser entendida como modo de comunicação entre o sujeito e o universo que o rodeia. A moda espelha a contínua mudança da época em que se insere e as roupas são usadas como um instrumento social para afirmar o status econômico e o próprio papel em sociedade. Ela tem o poder de moldar a mentalidade de uma sociedade fazendo uso de uma linguagem própria. E, por conseguinte, o léxico adotado dentro desse universo é representado de acordo com as particularidades de uma cultura. Nesta pesquisa, propõe-se o estudo do léxico da moda do século XIX, no Brasil, baseado nos estudos lexicais, etimológicos, neológicos e da moda; propõe-se aqui o exame de itens lexicais que se referem às vestimentas e acessórios encontrados em A Estação, publicada entre 1879 e 1904. Os resultados das reflexões permitem a compreensão da busca pelo modelo da dinâmica social e da língua francesas.

Palavras-chave

Léxico; Moda; Século XIX.

Abstract

Fashion, with its own language, establishes a group identity within the society and the period in which it is set. Moreover, it is a way of communication between the subject and the world around him. Fashion reflects the ongoing change of times in which its unfold and clothes are used as a social way of showing financial status and one's role in society. It has the power to shape the mentality of a society using its own language. Therefore, the lexicon adopted within this universe is represented according to the particularities of a culture. This research proposes the study of the lexicon of fashion of the nineteenth century in Brazil, based on the lexical, etymological, neological and fashion studies, it is proposed to examine here some lexical items referring to clothes and accessories found in A Estação, published from 1879 to 1904. The results of the reflections allow the understanding of the search for the French model of language and social dynamics.

Keywords

Lexicon; Fashion; 19th century.

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 04/10/2020

Aprovação do trabalho: 22/11/2020

Publicação do trabalho: 22/01/2021

 10.46230/2674-8266-12-4165

COMO CITAR

ORSI, Vivian. A Estação: considerações sobre a moda e seu léxico no século XIX no Brasil. **Revista Linguagem em Foco**, v.12, n.3, 2020. p. 67-88. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagem-memfoco/article/view/4165>.

Distribuído sob



Considerações iniciais

O léxico é uma entidade social e coletiva (CASADEI, 2010) que engloba todos os itens lexicais e as regras de combinação capazes de existir em uma língua natural, dentro de uma comunidade linguística. Ele é compreendido como um sistema vivo passível de transformações, ou melhor: “constitui um componente simultaneamente sistemático e aberto, marcando essa propriedade da linguagem verbal de ser instável ao mesmo tempo em que se constrói sobre uma base estável e definida, a ponto de poder ter uma identidade própria” (ANTUNES, 2012, p. 29).

O léxico é uma forma de organizar o conhecimento global, pois quando o homem dá nomes a objetos, ele os classifica e se estabelece, então, o processo inerente aos seres humanos de catalogação do universo ao seu redor. Todo o conteúdo conhecido passa, portanto, ao domínio do léxico. Logo, os itens lexicais funcionam como etiquetas por meio das quais nos referimos ao conhecimento do universo. Vale dizer, portanto, que no léxico está espelhada a cultura de uma sociedade e sua visão de mundo.

Assim também o é a moda, que, sendo

uma atividade eminentemente social, que contém significados construídos culturalmente (ou lidos de acordo com esquemas interpretativos particulares), [...] se oferece ao investigador enquanto sistema simbólico e enquanto atividade socialmente significativa (MONTEIRO, 2002, p. 195).

Conforme recupera Barthes (2005), a linguagem humana para Saussure pode ser vista sob dois aspectos: o da *língua (langue)* e o da *fala (parole)*. A primeira funciona como uma instituição social que independe do indivíduo, já a fala é um ato individual. Para o autor, similar é o vestuário, “uma realidade institucional, essencialmente social, independente do indivíduo, como que a reserva sistemática, normativa, da qual ele extrai seu próprio traje” (BARTHES, 2005, p. 268). Língua e fala equivaleriam, então, ao vestuário e ao traje, componentes da moda. Na moda e pela moda, os sujeitos mostram-se, expondo seu modo de ser e estar no mundo, o que os posiciona nele.

A moda, entendida ainda como um conjunto dos trajes e acessórios ornamentais, deve ser vista como uma ocorrência universal, fundada em todas as sociedades humanas. Ao assumir esse posicionamento, entende-se que a moda recebe o estatuto de linguagem e permite aos sujeitos a manifestação de suas identidades, atrelando e unindo o homem ao mundo à sua volta.

Dentro da linguagem da moda, a partir de um panorama interdisciplinar, vemos que a verbalização e a catalogação de usos, estilos, peças e tendências se dá por meio do léxico. E aqui o nome atribuído a peças de vestimentas e acessórios da moda no Brasil do século XIX é nosso objeto de estudo.

1. O século XIX e moda no Brasil

No século XIX, a moda, conforme Riello (2013) e Silva (2009) passou por diversos movimentos na França e na Inglaterra, espalhando-se por todas as camadas e gerando uma competição que agilizou e estimulou a variação de estilos.

É também nesse século que a diferenciação entre os sexos, expressa e experimentada com o auxílio das roupas, dos adornos, dos cosméticos e de tudo o mais que compõe a plasticidade simbólica da moda, atinge patamares inusitados, inseparáveis, por sua vez, da competição entre as classes e frações de classe. Com o advento da burguesia, da democracia (...), de novos espaços de sociabilidade burguesa (como o teatro, a ópera, as festas, os salões), dos grandes *magazines* (...), a moda ganha uma relevância especial e, se bem analisada, funciona como um poderoso meio de apreensão das dimensões sutis e cruciais que conformam o jogo fascinante e impiedoso das interações sociais (PONTES, 2004, p. 30-31).

Assim, a partir do século XIX, a moda não estava mais circunscrita à nobreza ou a leis suntuárias, mas aberta ao uso de todos – condizente, claro, com o poder aquisitivo de seu usuário.

Os bens de consumo, principalmente o vestuário, passaram a ter uma produção mais célere e econômica e a burguesia encontrou nela um dos elementos para ostentar sua prosperidade. Uma vez que a moda reflete a sociedade, o vestuário passou naquele momento específico por intensas transformações, permitindo a democratização da moda, isto é, todos poderiam vestir-se igualmente.

Vê-se, então, que

o século XIX, no cenário europeu, foi fértil para múltiplas transformações na moda, sinalizando um reflexo do novo pensamento da época em questão, repleto de mudanças de ordem socioeconômica ocasionadas pelas guerras, invenções e avanços tecnológicos e pela Revolução Industrial (ORSI; ALMEIDA, 2019, p. 197).

Em solo brasileiro, foram vislumbradas fortes mudanças no campo político e social, com o início da substituição do trabalho escravo pelo assalariado. As cidades estavam em crescimento e nelas se instalavam as primeiras indústrias. Esse processo de industrialização propiciou que províncias como São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais se tornassem centros atrativos onde os filhos de gran-

des latifundiários ou burgueses podiam frequentar escolas e faculdades, além de ter acesso a jornais e revistas em circulação.

É entre as décadas de 1940 e 1950 do século XIX, enquanto o desemprego acometia inúmeras pessoas e nos cortiços proliferavam as doenças, a fome e a miséria, que o requinte da vida de brasileiros abastados encontrou seu apogeu, pois nesse intervalo cresceu intensamente a produção de cana e café.

O luxo, inspirado nos europeus e deles importado, começou a se espalhar entre as pessoas da cidade, principalmente da corte. No Rio de Janeiro, nos palacetes, falava-se francês e em endereços nobres encontravam-se as últimas novidades vindas de Paris. Segundo Chataignier (2010, p. 82), há uma pirataria de moda com a cópia dos modelos franceses. Para Orsi e Almeida (2019, p. 199), embora copiadas de modelos forasteiros, a adaptação ao clima brasileiro fez com que “as roupas fossem confeccionadas em tecidos mais leves; e a cultura dos negros e indígenas incidiu sobre a cultura do povo brasileiro, intervindo em nossas escolhas de vestuário”.

E foi nessa época que surgiram em solo nacional as revistas de variedades nas quais se incluía o conteúdo de moda. Para Chataignier (2010, p. 85):

o correio de moda era em forma de periódicos que publicavam as novidades por meio de crônicas e croquis, os quais passavam de mão em mão entre suas usuárias, uma vez que não eram baratos e exibiam modelos que necessitavam de investimentos, da loja de tecidos à modista, sem falar nos armarinhos com seus aviamentos (CHATAIGNIER, 2010, p. 85).

Instaurou-se, a partir do século XIX, dessa maneira, o gosto pelo consumo de moda. Como diz Nunes (2010), ao consumir, o indivíduo parece ter para si uma explanação para seu interesse por um ou outro item de moda e sente que tem sua individualidade preservada. Tende a assumir que:

A veste, essa composição de tecidos, tramas costuradas, sobrepostas, combinadas nas mais variadas formas, cores e texturas, mantém uma relação interna e visceral com o sujeito homem: quando usada incorpora-se a ele, dialeticamente, moldando sua personalidade e por ela sendo moldado, constituindo-se um processo de singularização (LEITE; GUERRA, 2002, p. 23).

Se no período precedente à Revolução Industrial,

formas de exposição na vida pública revelavam a posição social ocupada pelo indivíduo, com a roupa sendo um referencial do status social ocupado por uma pessoa, (já que roupa e estilo se ancoravam na lógica da tradição), a partir do século XIX, com a emergência dos estudos psicológicos, em meio às posturas repressivas

da era vitoriana, as pessoas passam a acreditar que suas roupas, seus gestos, seus gostos revelam não mais sua origem social, mas sua personalidade (BRANDINI, 2009, p. 80).

Essa posição diante de pares era (e ainda é sobremaneira) predeterminada pelo *habitus*, conceituado por Bourdieu (2001) como um sistema de disposições que os indivíduos adquirem na estrutura social em que se inserem.

2. Moda brasileira na revista “A Estação: Jornal Ilustrado para a Família”

Em nossa pesquisa, escolhemos analisar o léxico do vestuário presente em cinco exemplares da revista *A Estação: Jornal Ilustrado para a Família*, que circulou no Brasil de 1879 a 1904. *A Estação* é uma das revistas de Lipperheide, empresa de publicações alemã que tinha colaborações com várias editoras, em diversos países da Europa e das Américas. A revista foi publicada pela primeira vez em 1879 pela editora brasileira Lombaerts. A versão brasileira tinha como objetivo ensinar às donas de casa como criar roupas para suas famílias, como bordar e decorar suas casas com elegância e economia.

Seu público-alvo eram principalmente as mulheres casadas pertencentes à classe comercial em ascensão e as jovens que buscavam um casamento acima de seu nível social. Porém, como explica Crestani (2017), Lombaerts se preocupou em oferecer a revista a toda família, já que a correspondente brasileira era dividida em duas partes: “Jornal de Modas”, que ocupava as oito primeiras páginas da revista e privilegiava os gostos das mulheres pertencentes à classe mais alta da sociedade brasileira, trazendo a cultura e a moda francesa como referencial para as leitoras do sexo feminino; mas também tinha a “Parte Literária” destinada a toda a família, que aparecia nas quatro últimas páginas da revista e era composta por anúncios, literatura em prosa e variedades. Os textos mais constantes na “Parte Literária” da revista eram a “Literatura”, dedicada à prosa; a “Bibliografia”, responsável por resenhar as obras literárias; a “Poesia” e “Teatro”, que apresentava as peças que eram encenadas nos teatros e a vida social que circulava no ambiente; a “Belas Artes”, trazendo quadros e gravuras de pintores renomados; e “Variedades”, que se ocupava de conteúdo variado da revista.

A Estação: Jornal Ilustrado para a Família circulou no Brasil até 1904, quando a instabilidade financeira do país fez com que a editora fechasse as portas. Recorremos aos exemplares digitalizados disponíveis publicamente Biblioteca Nacional Digital¹.

Nosso objetivo aqui é levar a conhecer alguns aspectos da vida social do

Brasil do século XIX, por intermédio do estudo do léxico do vestuário presente na imprensa da época. Espera-se, ademais, extrair informações acerca da vida social brasileira por meio do levantamento e análise do léxico da moda brasileira do século XIX por dois grandes motivos: o uso das unidades lexicais se dá em um ambiente compartilhado socialmente e, entendendo a cultura como um elemento que incide na “dinâmica de interação entre o indivíduo e a sociedade” (CIDREIRA, 2010, p.2 31), por se tratar da identidade de um grupo social, defende-se que léxico e cultura estão interligados. Dessa forma, aprender o léxico do vestuário da época implica aprender a cultura da sociedade em que este está inserido.

A isso soma-se o fato de que, no ato de se vestir, também está presente um entrelaçamento entre o determinismo cultural e as preferências pessoais. Ficando evidente, assim, que a moda sinaliza a conexão que há entre indivíduo e sua cultura, perpassada pelo léxico. Essa ligação entre moda, léxico e cultura nos possibilitou, então, extrair algumas ideias acerca da sociedade brasileira do século XIX.

3. O vestuário em “A Estação: Jornal Ilustrado para a Família”

Para a pesquisa utilizamos como fonte do *corpus* cinco exemplares da revista *A Estação: Jornal Ilustrado para a Família* (1879-1904), sendo eles o de número 1 (1879), de número 7 (1883), de número 14 (1889), de número 20 (1895) e de número 24 (1900), escolhidos de forma que contemplassem a primeira e a última publicação feita dentro do século estudado e todas as quatro subdivisões anuais baseadas em padrões climáticos: primavera, verão, outono e inverno. Escolhemos os exemplares de acordo com as estações do ano por dois motivos: primeiro, o vestuário da revista *A Estação* era produzido com base nas estações climáticas do hemisfério norte, o que é interessante, pois sabemos que as estações do hemisfério norte e sul são opostas. Sendo a moda sazonal, isto é, renovando-se a cada estação do ano, conseqüentemente seu léxico também passaria (e passa) por renovação a cada estação.

Abaixo, segue tabela que evidencia quais números da revista correspondem a cada uma das estações do ano:

Tabela 1 - Números examinados da revista *A Estação*

Nº	Ano	Estações do ano
1	1879	Hemisfério norte: inverno Hemisfério sul: verão
7	1883	Hemisfério norte: primavera Hemisfério sul: outono
14	1889	Hemisfério norte: verão Hemisfério sul: inverno
20	1895	Hemisfério norte: outono Hemisfério sul: primavera
24	1900	Hemisfério norte: inverno Hemisfério sul: verão

Fonte: elaborado pela autora.

Com o levantamento das unidades lexicais concluído procedemos aos exames, atentando-nos às mudanças de grafia, aos itens que entraram em desuso e como estão registrados atualmente nos dicionários escolhidos para a consulta. Transcrevemos para as fichas apenas um contexto-exemplo em que aparecem. Apesar de grande parte deles ocorrer mais de uma vez, adotamos somente um registro se foram mantidas em comum uma unidade mínima de significação e variação de número (singular ou plural). Foram destacadas também a presença ou ausência de estrangeirismos, com ênfase na sua relação com a história da moda e a sociedade brasileira. Com a recolha manual feita, criamos uma tabela-modelo contendo a unidade lexical levantada, o contexto que extraímos das revistas, sinônimos ou alomorfes², a definição dos verbetes retirada dos dicionários *Aulete Online* e o *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (FERREIRA, 2010) que mais se aproxima dos conceitos das lexias no universo do vestuário, e, por fim, observações acerca dos itens lexicais, com suporte no *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001), *Dicionário etimológico da língua portuguesa* (CUNHA; MELLO SOBRINHO, 2010) e em informações disponíveis em sites e blogs, em sua maioria de moda, que foram referenciadas em notas de rodapé.

A tabela criada segue a seguinte formatação:

Tabela 2 - Modelo adotado

LEXIA LEVANTADA	
Exemplo retirado de uma das publicações de <i>A Estação</i>	
Sinônimos, quando encontrados	
Alomorfe, quando encontrada	
AUL	AUR
Entrada recolhida	Entrada recolhida
Observações:	

Fonte: elaborado pela autora.

Cabe-nos dizer que para esclarecer dúvidas sobre a que peças de roupa exatamente se referiam as lexias recorreremos aos textos numerados descritivos que apareciam na revista, em que se explica com detalhes a descrição e/ou composição da vestimenta, como se vê abaixo:

Imagem 1 - *A Estação*, legenda com contorno negrito: 71. Vestido para baile

Fonte: *A Estação*, p. 6, 1879.

Ao todo foram elaboradas 81 fichas com os itens recolhidos e que fazem parte de uma pesquisa maior da qual esta é um recorte. Apresentamos, a seguir, algumas tabelas selecionadas.

Tabela 3 - Bolero

BOLERO	
“Mantelete de pele e bolero para patinagem” (EST, p. 189, nº 24, 1889)	
Sinônimo: não encontrado.	
Alomorfe: não encontrada.	
AUL	AUR
5. Vest. Blusa curta, tipo jaqueta, com ou sem mangas, us. por cima de outra peça (vestido, blusa, camisa etc.)	4. Espécie de casaco curto, com mangas ou sem elas, usado por cima da blusa ou camisa.
<p>“Bolero”advém da língua espanhola. A palavra nomeia a peça do vestuário usada por cima de blusas ou vestidos, sem fechamento, tipicamente feminina, conforme atesta o Dicionário de la Real Academia Española. Ao contrário do que se afirma no Dicionário Etimológico da língua portuguesa (CUNHA; MELLO SOBRINHO, 2010, p. 96), em que se registra seu uso como casaco curto, somente no século XX, vemos que já em 1889 (e até antes, conforme se lê em uma edição de <i>A Estação</i> de 1886) era usado com essa acepção ligada à moda.</p>	

Fonte: elaborado pela autora.

Tabela 4 - Calça

CALÇA	
“Costume marujo (blusa e calças) para menino” (EST, p. 108, nº 14, 1889)	
Sinônimo: não encontrado.	
Alomorfe: não encontrada.	
AUL	AUR
1. Roupas de homens e mulheres que cobre a cintura, os quadris e as pernas (estas, parcial ou totalmente).	2. Peça externa do vestuário tanto masculino quanto feminino, que parte da cintura, ou logo abaixo dela, e, contornando o corpo, se fecha no centro junto às virilhas, dividindo-se em duas partes, que irão contornar e cobrir separadamente as pernas, descendo, por via de regra, até os tornozelos.
<p>O item lexical “calça” vem do latim vulgar <i>calcea</i>, que significa ‘meia’; e é derivado da lexia <i>calceus, i</i>, que designa ‘calçado’. Anteriormente, as calças eram roupas que iam da cintura até os pés, formando uma única peça. Os dois itens do vestuário só foram divididos no século XVI. Vale lembrar também que, por muito tempo, a calça foi uma peça exclusiva de homens. A mulher só começou a usá-las publicamente com a chegada da Segunda Guerra Mundial, quando se tornaram responsáveis pelo sustento da família, precisando de roupas mais simples e confortáveis para o dia de trabalho fora de casa.³ Na atualidade, a calça é uma peça unissex, mas seu uso por mulheres ainda é visto como tabu por algumas religiões e, em alguns ambientes formais como, por exemplo, escritórios e festas de gala, parecendo pouco profissional ou elegante.</p>	

Fonte: elaborado pela autora.

³ <https://blog.passarela.com.br/a-historia-das-calças-femininas/>

Tabela 5 - Camiza

CAMIZA	
"Camiza para vestido de baile" (EST, p. 187, nº 24, 1900)	
Sinônimo: não encontrado.	
Alomorfe: não encontrada.	
AUL	AUR
1. Peça do vestuário masculino e feminino, com mangas, que cobre o corpo do pescoço até o alto das coxas, ger. fechada com botões, us. diretamente sobre a pele ou sobre certas peças de roupa (como camiseta etc.).	1- Peça de roupa de tecido leve, que cobre o tronco, geralmente com colarinho, botões à frente e mangas de comprimento variável.
<p>A lexia "camisa" vem do latim <i>camisia,ae</i> 'roupa de dormir na cama'. O item é hoje uma peça unissex, isto é, pode ser usada por homens e mulheres de todas as idades, porém, no século XIX, a camisa se restringia ao guarda-roupa masculino.</p> <p>Na língua portuguesa, "camisa" era escrita com -z, pois nas palavras oriundas do latim o grafema em posição intervocálica tinha o valor de [z] e deveria ser com ele escrito se a palavra tivesse origem latina (FONTES, S.; COELHO, S.; KEMMLER, 2014), como podemos inferir do caso dessa peça de roupa. Para Coelho (2013, p. 137): "como afirma Castro (2008: 191-192): 'Esta confusão de grafias perduraria na escrita do português durante muito tempo, constituindo uma preocupação para ortógrafos e professores de primeiras letras'" até se fixar a grafia com <s>, em vez de <z>.</p>	

Fonte: elaborado pela autora.

Tabela 6 - Capa

CAPA	
"Costume com capa " (EST, p. 105, nº 14, 1889)	
Sinônimos: "Toillete com mantelete " (EST, p. 87, nº 7, 1883)	
"7. Capinha guarnecida de trancelim" (EST, p. 154, nº 20, 1985)	
"Toillete com sobretudo " (EST, p. 77, nº 7, 1883)	
Alomorfe: não encontrada.	
AUL	AUR
1. Peça de roupa que se veste por cima das outras como proteção contra o frio ou a chuva	1. Peça de vestuário us. sobre toda a outra roupa como proteção contra a chuva ou frio.
<p>"Capa" é proveniente do latim <i>cappa,ae</i>, que significa proteção para a cabeça. Considerada peça unissex, no século XIX as mulheres usavam nos dias frios, juntamente com casacos. Já no vestuário masculino, a peça era um elemento do dia a dia. Mais tarde, por volta de 1840, foi substituída pelo "sobretudo".⁴ Peças que também eram usadas com a mesma finalidade eram o "mantelete", <i>mantelet</i> em francês, vinda do francês arcaico <i>mantel</i> (LAROUSSE), capa curta usada pelas mulheres, principalmente para cobrir a cabeça e o dorso; e a "capinha", diminutivo de capa justamente por ser menor e mais curta cobrindo somente dos ombros à cintura.</p>	

Fonte: elaborado pela autora.

4 <http://modahistorica.blogspot.com/2013/05/seculo-xix-moda-na-era-romantica.html>

Tabela 7 - Chinella

CHINELLA	
“Chinella bordada” (EST, p. 2, nº 7, 1879)	
Sinônimo: não encontrado	
Alomorfe: não encontrada.	
AUL	AUR
2. Designação de qualquer calçado que não cobre o calcanhar, esp. o que é próprio de certos trajes regionais.	1. Calçado macio, geralmente sem salto, para uso doméstico.
<p>A unidade lexical vem do dialeto genovês <i>cianella</i>, mas a peça foi criada pelos egípcios por volta de 4000 a.C.⁵Atualmente, a palavra deixou de ser tratada comumente como um substantivo feminino e passou a ser masculino: o “chinelo”, porém, ainda encontramos nos dicionários a palavra-entrada feminina. Ademais, em algumas regiões no interior do Brasil, em especial no Nordeste, ainda registram-se falantes do português brasileiro que privilegiam o uso do item no feminino, mostrando que, por mais que seja comum a variedade masculina, ela ainda não se sobrepôs totalmente à feminina. A redução da consoante dupla de “chinella”, só passa a ser feita a partir do ano de 1904, em que “Gonçalves Viana, foneticista português, publica, em Lisboa, a Ortografia Nacional, primeira grande obra que se debruça sobre a sistematização de uma gramática com o objetivo de simplificar a ortografia” (BRAGA, 2016, p. 7).</p>	

Fonte: elaborado pela autora.

Tabela 8 - Fichú

FICHÚ	
“Fichú enfeitado de crespo de fita podendo convir para uma senhora de certa idade” (EST, p. 15, nº 2, 1879)	
Sinônimo: não encontrado.	
Alomorfe: não encontrada.	
AUL	AUR
(gal.) cobertura triangular, ligeira, para o pescoço e ombros de senhoras.	Triângulo de tecido leve us. pelas mulheres para cobrir os ombros ou a cabeça.
<p>“Fichú” é uma unidade francesa – <i>fichu</i> – que designa um pedaço de tecido quadrado e dobrado em formato triangular próprio do vestuário feminino (LAROUSSE) utilizado como cobertura para a cabeça e ombros. Ele era feito de tecido leve, geralmente linho, podendo ser adornado com joias e preso ao busto. Hoje em dia, o que temos de mais parecido com ele é o lenço de pescoço, espécie de cachecol longo feito de tecido mais fresco e leve.</p>	

Fonte: elaborado pela autora.

5 <http://www.dnadope.com.br/noticias/voce-conhece-a-historia-dos-chinelos/>

Tabela 9 - Foulard

FOULARD	
“Foulard atado em gravata” (EST, p. 78, nº 7, 1883)	
Sinônimo: não encontrado.	
Alomorfe: não encontrada.	
AUL	AUR
[Mesm q. Fular]	[Mesm q. Fular]
1. Vest. Echarpe leve, ger. de seda.	1. Tec. Têx. Certo tecido de seda. [Cf. foliar.]
<p><i>Foulard</i> se refere ao item que podia ser usado ao redor do pescoço no lugar da gravata ou como uma echarpe, a depender da forma com que estava amarrado. É uma unidade lexical francesa que tem como decalque em português “fular”. O decalque, calque ou calco, é a transposição literal do item emprestado para a língua receptora. Conforme Farias (2001), os decalques tendem a seguir a estrutura morfossintática do português e se estabelece uma relação de sinonímia entre as formas decalcadas e as que lhes deram origem, cuja versão, no entanto, não tem ocorrência em <i>A Estação</i> e, provavelmente, ainda não havia sido traduzida para o português naquele momento do século XIX.</p>	

Fonte: elaborado pela autora.

Tabela 10 - Gola

GOLA	
“Gola com bordado” (EST, p. 81, nº 7, 1883)	
Sinônimo: “Blusa com cabeção e punhos.” (EST, p. 160, nº 20, 1895)	
Alomorfe: não encontrada	
AUL	AUR
1. Parte da roupa que fica em torno ou ao lado do pescoço.	1. A parte do vestuário junto ao pescoço ou em volta dele.
<p>Por “gola” compreendemos a parte das camisas, camisetas e vestidos que cinge o pescoço. A lexia advém da unidade lexical latina <i>gūla,ae</i>, que significa ‘esôfago’, ‘garganta’, ‘pescoço’. A “gola” está presente em peças de roupas que cobrem do tronco ao quadril e possui diversas formas, com diversos nomes e especificações. “Cabeção”, formado a partir da lexia “cabeça” + morfema lexicalizado -ção, é o nome dado a um tipo de gola larga e com um pedaço de tecido pendente. A “romeira” seria uma espécie de cabeção feita de tecido mais leve, costurado na parte dos ombros da roupa, adicionando mais uma camada de tecido que cobre por inteiro os ombros das mulheres.</p> <p>Vale destacar que há a variação “golla”, com inúmeras ocorrências concorrentes com “gola” na revista <i>A Estação</i>, desde a primeira edição de 1879. Aqui está-se diante de um polimorfismo gráfico, isto é, oscilação na grafia com possibilidades distintas de se grafar o mesmo vocábulo, um provável resquício da pluriortografia do século anterior, como aponta Barbosa (2008, p. 195): “Em relação à escrita em língua portuguesa do século XVIII, fosse em Portugal, fosse no Brasil, devemos compreender que se vivia sob uma pluriortografia: havia diferentes obras ortográficas predicando formas de escrever diferentes”. E mais adiante: “Haver mais de uma grafia nos manuscritos coloniais em função da pluriortografia – e não uma única como hoje – não é falta de rigor, é uma diferença na história social da cultura escrita” (BARBOSA, 2008, p. 196).</p>	

Fonte: elaborado pela autora.

Tabela 11 - Poncho

PONCHO	
“Capa de banho (poncho).” (EST, p. 106, nº 14, 1889)	
Sinônimo: “ Capa de banho (poncho).” (EST, p. 106, nº 14, 1889)	
Alomorfe: não encontrada.	
AUL	AUR
1. Capa de lã, quadrangular, com uma abertura no centro por onde se enfia a cabeça.	Capa quadrangular, de lã grossa, com uma abertura no meio, pela qual se passa a cabeça.
<p>“Poncho” provém da língua indígena quíchua, <i>punchu</i>, que se castelhanizou (MORA, 1992, p. 466) e foi incorporado ao espanhol, é um tipo de capa sem mangas, parecida com um manto. No entanto, não possui capuz e nem mangas, além de que tem seus lados abertos. Pelo que observamos na revista analisada, no século XIX, no Brasil, o poncho também poderia ser usado como um roupão de banho atoalhado, nesse caso, também era chamado de ‘capa de banho’ – razão pela qual aparece como seu sinônimo.</p>	

Fonte: elaborado pela autora.

Tabela 12 - Rebuço

REBUÇO	
“Vestido com rebuço duplo.” (EST, p. 156, nº 20, 1895)	
Sinônimo: não encontrado.	
Alomorfe: não encontrada.	
AUL	AUR
2. Lapela.	2. Lapela.
<p>“A etimologia da palavra remete para o traje português biôco, de origem árabe, que remonta ao século XVI, e que se refere a uma mantilha com ou sem véu. Rebuço é sinônimo de capa e lapela, e atualmente refere-se a uma gola virada” (MOURA DA SILVA, 2019, p. 41). É o tecido dobrado para o lado de fora que existe na parte superior, próximo ao colo, em casacos e paletós.</p>	

Fonte: elaborado pela autora.

Tabela 13 - Saiote

SAIOTE	
“Dous saiotes de baixo, de lã, para meninas” (EST, p. 198, nº 17, 1883)	
Sinônimo: não encontrado.	
Alomorfe: não encontrada.	
AUL	AUR
2. Saia interior curta, de tecido grosso, às vezes engomada, us. sob outras saias.	2. Saia curta, de tecido encorpado ou engomado, que as mulheres usam sob outra(s) saia(s).
<p>“Saiote”, feito de tecido grosso, colocada por baixo de outras saias e vestidos, para evitar a transparência e a marcação da roupa. A lexia é formada pelo sufixo diminutivo -ote, em um caso de lexicalização, tendo em vista que, pela leitura de <i>A Estação</i>, não consideramos, como o fazem os dicionários Aulete e Aurélio, saiote como uma saia pequena, mas sim uma outra peça do vestuário. Conceituamos, sucintamente, lexicalização como a mudança que ocorre, em alguns contextos linguísticos, em que os falantes usam uma construção sintática ou formação de palavras com um novo conteúdo, formal ou semântico, não previsível (BRINTON; TRAUOGOTT, 2005), como o caso de saiote.</p>	

Fonte: elaborado pela autora.

Tabela 14 - Saquinho

SAQUINHO	
“ Saquinho feito com fitas de atar charutos” (EST, p. 160, nº 20, 1895)	
Sinônimo: “ Bolsa bordada ponto de marca” (EST, p. 146, nº 16, 1879)	
Alomorfe: não encontrada.	
AUL	AUR
1. Recipiente em forma de saco ou pequena maleta, feito de couro, lona ou plástico etc., ger. com alça para se levar na mão, pendente do ombro ou às costas, e us. para transportar documentos, dinheiro, celular etc.	4. Qualquer de vários tipos de saco com alça ou sem ela, de tamanho adaptado ao seu uso, e feitos diversos, ou carteira, em geral com fecho, us. para guardar dinheiro, documentos, lenço, objetos de toalete etc., e que podem ser feitos de couro, tecido, metal, plástico, etc.
<p>No século XIX, pelo que pode ser observado nas obras analisadas, “bolsa” – item lexical de origem latina (<i>bursa,ae</i>) que têm ocorrência na língua portuguesa desde português arcaico (XIII) – dividia espaço com a lexia “saquinho” para indicar objeto usado para carregar pertences. Há registro de bolsas desde povos primitivos, sendo encontradas pinturas rupestres femininas portando o objeto. Elas eram feitas de pele de animais e, ao que tudo indica, eram usadas para transportar e proteger as caças. Já na Idade Média, a bolsa era um item indispensável tanto dos homens, quando das mulheres.⁶</p>	

Fonte: elaborado pela autora.

6 <http://tudosobrebolsas.blogspot.com/2008/02/quando-surgiu-primeira-bolsa.html>

Tabela 15 - Toilette

TOILETE	
“ Toilette com mantelete” (EST, p. 87, nº 7, 1883)	
Sinônimo: não encontrado	
Alomorfe: não encontrada.	
AUL	AUR
2. O conjunto de objetos necessários para uma pessoa se vestir; indumentária; traje.	1 - Conjunto das peças de roupa que se vestem; traje; indumentária.
<p><i>Toilette</i> é o diminutivo em francês de <i>toile</i>, vindo do latim <i>tela</i>, tela pequena, trama ou tecido. No século XIX era o nome dado para o vestido ou conjunto de peças de roupa elegantes. Era também associado ao armário com espelho, composto por uma mesa com gavetas, usada para arrumar os cabelos e para a maquiagem feminina. Assim, por extensão, designava o cômodo em que se encontrava esse móvel (TRECCANI). Posteriormente, essa associação passou a representar no Brasil somente o ambiente destinado à limpeza íntima, ou seja, os banheiros.</p>	

Fonte: elaborado pela autora.

Tabela 16 - Tournure

TOURNURE	
“Interior de uma saia para tournure ” (EST, p. 103, nº 9, 1883)	
Sinônimo: “Anquinha para saia” (EST, p.79, nº 7, 1883)	
Alomorfe: não encontrada.	
AUL	AUR
[Mesm. q. Anquinha]	[Mesm. q. Anquinha]
1. Armação de arame ou almofadas us. pelas mulheres para altear os quadris e tornar as saias mais rodadas.	1. Armação de arame com que se alteavam os quadris e estufavam as saias das mulheres; ancas postiças.
<p>O <i>tournure</i> é de origem francesa com etimologia no latim <i>tornare</i>, virar, girar. O referente francês corresponde em português à “anquinha”, diminutivo de “anca”, parte traseira de animais (CUNHA; MELLO SOBRINHO, 2010, p. 37), e que representa uma peça do vestuário feminino do século XIX que substituiu a crinolina: armação de metal que projetava as saias e os vestidos para trás, dando volume na parte posterior do corpo das mulheres.</p>	

Fonte: elaborado pela autora.

Com o resultado da compilação e análise feitas, foi possível esboçar algumas elucubrações acerca da vida social e do léxico do Brasil do século XIX.

No que diz respeito à etimologia do léxico recolhido, vemos que, de modo geral, a maioria aqui apresentada descende do latim e entra na língua portuguesa por intermédio do italiano, do espanhol e do francês, o que não nos acarreta surpresas.

Nesse momento, convém esclarecer que esses estrangeirismos por empréstimo são entendidos, conforme Carvalho (2009), como a “adoção por parte dos falantes de uma língua, de termo de outra, por perceberem alguma lacuna ou inadaptação para nomear algo, no acervo lexical da língua que falam”.

Ainda, segundo Câmara Júnior (1998):

Empréstimo é a ação de traços linguísticos diversos dos do sistema tradicional. O condicionamento social para os empréstimos é o contato entre povos de línguas diferentes, o qual pode ser por coincidência ou contiguidade geográfica, ou à distância, por intercâmbio cultural em sentido lato.

Embora vejamos na recolha unidades lexicais oriundas do espanhol como “bolero” e “poncho”, podemos observar que é predominante a proveniência francesa. Tal fato tem explicação na influência da língua e cultura francesas no Brasil.

A França se tornou uma forte potência europeia entre o século XVII e começo do XX, portanto, é compreensível que seus ideais, sua cultura e sua língua fossem assimiladas por outras culturas. Além disso, como dito anteriormente, a moda mundial em vigor no século XIX era a francesa, cabendo, assim, à língua desse país nomear e sistematizar os itens de moda da época, fazendo com que as demais línguas buscassem, por vezes, adaptações e equivalentes para a lexia francesa.

No Brasil, como se vê nas fichas pelos itens recolhidos, *fichu*, *foulard*, *tour-nure*, *toillete* entre outros, nem dispunham de um correspondente para a unidade lexical francesa, pois, como já mencionado, a língua francesa era muito apreciada em solo nacional e o produto nomeado com ares de galicismos tinha muito mais prestígio.

Outro fenômeno observado em nossa pesquisa foi a riqueza de sinônimos encontrados. Os sinônimos ocorrem em uma língua quando há uma relação de sentido entre duas ou mais unidades lexicais (NAVARRO, 1988). Esses casos de sinonímia representam uma riqueza para o léxico do vestuário do português e também para a nossa pesquisa, além de que, nos permite extrair algumas considerações, como, por exemplo, o fato de que a maior parte das ocorrências se realiza por causa da presença de consoantes dobradas, as chamadas consoantes geminadas. Vale ressaltar que em nosso idioma ainda há consoantes geminadas, como *-ss* e *-rr*, que se fazem necessárias na diferenciação fonêmica que há entre *-s* e *-ss* e *-r* e *-rr*. Porém, em nosso levantamento, vimos que comumente as unidades lexicais que apresentam consoantes geminadas têm essa geminação

acontecendo na letra *-l*, como é o caso de ‘*chinella*’ e ‘*golla*’. Essa geminação é característica do período pseudo-etimológico do português brasileiro, que teve início no século XVI e término em 1904, com a publicação de “Ortografia Nacional” de Gonçalves Viana (LIMA, 2009).

Acerca da geminação em consoantes que não sejam o *-ss* e o *-rr*, Said Ali (1921) diz o seguinte:

Obscuro é o motivo da geminação *ll* em *apostollo*, *epistolla*, *Paullo*, *capitullo*, *tall*, *mall*, *quall*, *geerall*, etc. de que ha exemplos de sobra no livro da Virtuosa Bemfeitoria, no Leal Conselheiro e em Fernão Lopes, Chronica de D. João. (...) Essas duplicações de *ll* e *ff*, desusadas na linguagem moderna, sem fundamentação na etymologia nem na analogia, não se devem attribuir tão pouco ao mero prazer de accumular letras inuteis para dar aos vocabulos aspecto mais elegante. (...) E aonde não podiam chegar os conhecimentos etymologicos, suppria-se, em matéria de geminação, com a fantasia e o capricho, preferindo muitas vezes o supérfluo ao estrictamente bastante, como *chinello*, *panella*, *janella* etc. (SAID ALI, 1921, p. 32)

Por fim, acerca do léxico levantado, vimos que algumas unidades lexicais ainda existem no português brasileiro, mas como um neologismo semântico, que, segundo Valente (2014, p. 50), “corresponde ao emprego de um significante que já existe na língua (...), conferindo-lhe um conteúdo que ele não tinha até então” e ganhando, assim, novas significações. Como exemplo temos o item lexical “saquinho”, que antes poderia denominar uma bolsa e nos dias de hoje só se refere a um saco de pequenas proporções para guardar plantas, pólvora ou algo sem valor, conforme Aulete e Aurélio (FERREIRA, 2010). Também vimos que outras unidades, como *fichu*, *tournuree toilette*, não têm mais uso dentro da língua portuguesa do Brasil, com a mesma acepção.

Também podemos ver que o vestuário da época ainda nos possibilita fazer uma distinção de gênero: algumas roupas eram apenas associadas ao universo feminino e outras somente ao universo masculino e infantil, como o item “calça”. Este, quando relacionado ao universo feminino, dentro da revista, refere-se à calça usada como roupa íntima. O nome mais comum fora do universo brasileiro era *pantalette* ou *pantalet*. “Por essa época, mulheres francesas passaram a usar calças denominadas *pantalets* ou *pantaloons* embaixo de simples e longas *chemises*, um traje semelhante ao que as atrizes do início do oitocentos usavam” (GONÇALES, 2019, p. 108). Seu uso inicial foi na França no começo do século XIX e se estendeu rapidamente à Inglaterra. No entanto, ao menos na revista *A Estação* o nome em francês não teve repercussão e só se usou o item em português (calça).

Por fim, nossa pesquisa também nos mostrou que algumas unidades lexicais, bem como peças de roupas, são características de uma só época e movimento da moda. “Cabeção”, usado como sinônimo de gola é próprio dos séculos XVIII e XIX. Já “saiote”, por exemplo, tem uso atualmenos frequente no português brasileiro contemporâneo, e “rebuço”, para tipo de lapela de golas, está praticamente restrito ao contexto do português europeu, o que nos mostra que, de fato, a moda e seu léxico são locais, sazonais e temporais, e se reinventam a todo momento.

Pela leitura das edições da revista *A Estação*, o que se verifica também nos exemplos aqui trazidos, a moda mostrada é rebuscada e repleta de detalhes próprios da elite. Infelizmente, como coloca Rainho (2010), há grande dificuldade em se obter informações sobre a indumentária popular de artesãos, pequenos empregados públicos, de mulheres brancas e pobres e das populações escravas do Brasil do século XIX.

Ainda segundo a autora,

A adoção da moda europeia constituía-se, assim, naquilo que Herbert Spencer qualificou de imitação respeitosa, através da qual se busca alcançar a simpatia daquele a quem se imita. Mas, seguir a moda europeia relacionava-se ainda a uma necessidade de novas distinções. Segundo Frédéric Mauro, era uma escolha que expressava a “vontade de diferenciar-se do escravo negro e até do índio, de guardar o selo da Europa, da civilização, (...) marca de um complexo de inferioridade inconfesso e inconfessável em relação ao europeu” (RAINHO, 2010, s/p).

A busca pela moda europeia, especialmente francesa, dá indícios do desejo de se buscar algo considerado civilizado. No entanto, como colocamos anteriormente, enquanto os mais abastados procuravam seguir o modelo vindo de fora, expresso no léxico pelos inúmeros empréstimos exógenos, no país havia intensos problemas sociais.

Ou seja, temos uma tentativa de modernização, mas a *modernidade, fundada como o primado da razão*, uma experiência histórica, onde há uma reformulação de conceitos e hábitos de uma sociedade, um esfacelamento de suas antigas crenças e valores, *não acontece de fato*” (JUNIOR; FERNANDES, 2013, p. 13, grifos nossos).

Considerações finais

Reconhecemos que há grande importância nos estudos do léxico e da moda. Há que se salientar que pesquisas que reúnem os dois são novas e ainda

escassas, porém vimos que ambas se colocam à disposição dos sujeitos em uma sociedade. Confirma-se, portanto, que há um significativo intrincamento entre o meio social e o pessoal, visivelmente expresso no léxico da moda, que é condicionado pelo determinismo cultural e por preferências pessoais.

A moda, há séculos e principalmente nos dias atuais, converteu-se em uma importante instituição social. Portanto, a análise de seu discurso, considerado rico e expressivo justamente por se reinventar a cada estação e a cada período histórico, faz-se necessária. Isto porque ele, além de absorver algumas características da sociedade que o rodeia, tem influência sobre ela. Além disso, conferimos que a moda e o léxico estão presentes em diversas esferas sociais. Trata-se de sistemas que integram elementos políticos, econômicos e sociais e representam a identidade de uma comunidade e sua riqueza sociocultural e histórica.

No século XIX, ainda que em português pudessem ser encontradas lexias correspondentes, ou passíveis de serem cunhadas a partir das possibilidades de formação de palavras da língua, a adoção de itens exógenos parecia mais sofisticada. Pelos itens que vimos provenientes de outras línguas, especialmente do francês, confirma-se que o léxico das línguas se expande, como um organismo vivo, impulsionado pelos usuários/falantes, que, diante de certas preferências sociais – como a de tentar ser e parecer como a sociedade francesa do século XIX, considerada modelo pelos brasileiros abastados – recorrem à sua criatividade e ao seu conhecimento do sistema linguístico para nomear e catalogar sua realidade, no caso, os itens da moda.

Referências

A ESTAÇÃO: jornal ilustrado para a família. Rio de Janeiro: Lombaerts & Comp., 1879-1904. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/estacao/709816>. Acesso em: 16 jun. 2020.

ANTUNES, I. **Território das palavras**. São Paulo: Parábola, 2012.

AULETE. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/>. Acesso em: 16 jun. 2020.

BARBOSA, A. G. Fontes escritas e história da língua portuguesa no Brasil: as cartas de comércio no século XVIII. In: LIMA, I. S.; CARMO, L. do. (Org.). **História social da língua nacional**. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, p. 181-211, 2008. Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/a-j/FCRB_Historia_social_da_lingua_nacional.pdf. Acesso em: 06 nov. 2020.

BARTHES, R. **Inéditos**: imagem e moda. Vol. 3. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BOURDIEU, P. **O Poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BRAGA, T. B. Transformações ortográficas: regras em progresso. **Revista Ampliar**, v. 3, n. 3, p. 1-14, 2016. Disponível em: <https://gravatai.ulbra.tche.br/periodicos/index.php/revistaampliar/article/view/94/64>. Acesso em: 16 jun. 2020.

BRANDINI, V. Cultura de Consumo e Modernidade no Século XIX. **Signos do Consumo**, v. 1, p. 10-20, 2009.

BRINTON, L. J.; TRAUOGOTT, E. **Lexicalization and Language Change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

CHATAIGNIER, G. **História da Moda no Brasil**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.

CAMARA JÚNIOR, J. M. **Dicionário de lingüística e gramática referente à língua portuguesa**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.

CARVALHO, N. M. Empréstimos linguísticos e identidade cultural. In: ALVES, I. M. et al. (orgs.). **Estudos lexicais em diferentes perspectivas**. São Paulo: FFLCH/USP, 2009, p. 73-80.

CASADEI, F. **Lessico e semantica**. Roma: Carocci, 2010.

CIDREIRA, R. A moda como expressão cultural e pessoal. **IARA-Revista de Moda, Cultura e Arte**, São Paulo, v. 3, n. 3, p. 227-244, dez. 2010.

COELHO, S. C. G. **A grammaticaphilosophica da linguaportuguesa**: edição crítica, estudo e notas. Vila Real, Portugal: Centro de Estudos em Letras Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2013.

CRESTANI, J. O Perfil da Revista A Estação: jornal ilustrado para a família. **Revista da Anpoll**, v. 1, n. 25, p. 325-353, 2008. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/67>. Acesso em: 16 jun. 2020.

CUNHA, A. G.; MELLO SOBRINHO, C. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

FARIAS, E. M. P. O neologismo por empréstimo no vocabulário da moda. **Anais do V Congresso Nacional de Linguística e Filologia**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, v. V., p. 81-92, 2001.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio**. Curitiba: Positivo Informática, 2010.

FONTES, S.; COELHO, S.; KEMMLER, R. Práticas ortográficas em inícios do século XIX: a ortografia portuguesa na Gazeta de Lisboa (1815) e na Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa (1822). **Revista de Letras**, II, n. 13, p. 23-36, 2014.

GONÇALES, G. D. **Mulheres engravatadas**: moda e comportamento feminino no Brasil, 1851-1911. 2019. 190 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-10092019-160919/pt-br.php>. Acesso em: 16 jun. 2020.

LAROUSSE. Disponível em: <http://www.larousse.fr/dictionnaires/francais>. Acesso em: 16 jun. 2020.

LEITE, A.; GUERRA, L. **Figurino**: uma experiência na televisão. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

LIMA, J. A. D. **Análise do sistema ortográfico do português brasileiro em cartas do séc. XIX**. 2009. 166 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/7541/1/arquivo3965_1.pdf.

Acesso em: 16 jun. 2020.

MILAGRE JUNIOR, S.; FERNANDES, T. A Belle Époque Brasileira: as transformações urbanas no Rio de Janeiro e a sua tentativa de modernização no século XIX. **Revista História em Curso**, Belo Horizonte, v. 3, n. 3, p. 19-33, 2013. Disponível em: <http://docplayer.com.br/19212678-A-belle-epoque-brasileira-as-transformacoes-urbanas-no-rio-de-janeiro-e-a-sua-tentativa-de-modernizacao-no-seculo-xix.html>. Acesso em: 16 jun. 2020.

MONTEIRO, M. S. A. Moda e antropologia: pressupostos teóricos. In: WAINMAN, S. & ALMEIDA, A. J. (orgs.). **Moda, comunicação e cultura: um olhar acadêmico**. São Paulo: Arte e Ciência Nidem/Unip/Fapesp, 2002, p. 195-198.

MORA, D. El estudio de algunos vocablos regionales en Argentina durante el siglo XIX. In: ARIZA, M. et al. (orgs.). **Actas del II Congreso Internacional de Historia de la Lengua Española**. Tomo II, Madrid: Pabellón de España, p. 459-468, 1992. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/obra/el-estudio-de-algunos-vocablos-regionales-en-argentina-durante-el-siglo-xix-0/>. Acesso em: 16 jun. 2020.

MOREIRA, M. M. S. **Alomorfia de plural no português brasileiro**. 2010. 105 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/DAJR-8GKR2C>. Acesso em: 06 nov. 2020.

MOURA DA SILVA, H. I. C. **Detalhes de Vestuário Análise e Tradução de Terminologia Técnica**. 2019. 85 f. Dissertação (Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas) – Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto/Instituto Politécnico do Porto, Portugal, 2019. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/268995368.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2020.

NAVARRO, S. Interface entre lingüística e indexação: revisão de literatura. **Revista de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 7, n. 4/6, p. 46-62, 1988.

NUNES, G. P. A. **A vestimenta e a moda: uma análise da revista Estilo**. 2010. 129 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

ORSI, V.; ALMEIDA, M. C. Moda e literatura no Brasil: considerações sobre o léxico do século XIX. **Caligrama**, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 193-207, 2019.

PETTER, M. *Morfologia*. In: FIORIN, J. L. (org.) **Introdução à Linguística II: princípios de análise**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

PONTES, H. Modas e modos: uma leitura enviesada de O espírito das roupas. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 22, p. 13-46, 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332004000100003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 16 jun. 2020.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. A roupa e a moda no período joanino. In: HEYNEMANN, Cláudia Beatriz e VALE, Renata W. Santos do (orgs.) **Temas luso-brasileiros no Arquivo Nacional**. Rio de Janeiro: arquivo Nacional, 2010, p. 90-96. Disponível em: <http://www.historiacolonial.arquivo-nacional.gov.br>. Acesso em: 16 jun. 2020.

DICCIONARIO DE LA REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. Disponível em: <https://dle.rae.es/>. Acesso em: 16 jun. 2020.

RIELLO, G. (Org.) La grande rinuncia: uomini senza moda nell'Ottocento. **La moda**. Una storia dal medioevo a oggi. Bari: Laterza, p. 50-70, 2013.

SAID ALI, M. **Grammatica histórica da língua portuguesa**. 2. ed. melh. e aum. São Paulo: Melhoramentos, 1921.

SILVA, A. Moda e literatura: o caso da revista A Estação. **IARA-Revista de Moda, Cultura e Arte**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 1-22, set./dez. 2009.

TRECCANI. Disponível em: <http://www.treccani.it/>. Acesso em: 16 jun. 2020.

VALENTE, A. Criações neológicas na linguagem midiática: aspectos semântico-discursivos. *In*: ISQUIERDO, A. N.; DAL CORNO, G. O. M. (Orgs.) **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia, volume VII. Campo Grande: Ed UFMS, 2014, p. 49-62.

Sobre a autora

Vivian Orsi - Doutora em Estudos Linguísticos (Análise Linguística) pela UNESP de São José do Rio Preto. Professora Assistente Doutora da Graduação e da Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – IBILCE - UNESP, Campus de São José do Rio Preto-SP. E-mail: vivian.orsi@unesp.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5675353994285018>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0002-7892-1091>.